

LUTAS SIMBÓLICAS ENTRE AS LIDERANÇAS DE ENFERMAGEM RELIGIOSAS E LAICA NO INTERIOR DE UMA CASA DE CARIDADE DO INTERIOR DA ZONA DA MATA MINEIRA ENTRE 1977 E 1988.

Ernani Coimbra de Oliveira ¹
Stela Cabral de Andrade ²
Liliane Chaves de Resende ³
Isabel Cristina Adão Schiavon ⁴
José Carlos Gonçalves ⁵

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa de cunho histórico-social, cujo objeto de estudo é as lutas simbólicas entre as lideranças de enfermagem religiosas e não religiosa de uma Casa de Caridade do interior de Minas Gerais. O recorte temporal compreende o período de 1977 a 1987. Os objetivos são: descrever o contexto em que se deu a contratação da primeira enfermeira não religiosa da Casa de Caridade; analisar as estratégias das lideranças de enfermagem na disputa pelo poder de anunciar o discurso autorizado na Casa de Caridade; e discutir os efeitos simbólicos das lutas concorrenciais entre os agentes de enfermagem envolvidos, por uma melhor posição naquele espaço social. As fontes primárias incluíram documentos escritos, iconográficos e depoimentos orais. As fontes secundárias se constituíram de livros, dissertações e teses com versem sobre a história da enfermagem e história do Brasil, além de artigos periódicos científicos. O estudo serviu como um estímulo à preservação da memória dos agentes e instituições e ao estudo Histórico de outras lutas simbólicas que poderão, significativamente, oferecer subsídios para comparações, a fim de se traçar um perfil de desenvolvimento da enfermagem no estado de Minas Gerais.

Palavra chave: Luta simbólica, História da enfermagem, Irmãs religiosas

INTRODUÇÃO

O objeto deste estudo é as lutas simbólicas entre as lideranças religiosas e não religiosa de enfermagem no interior da Casa de Caridade de uma cidade do interior da zona da mata mineira.

Como recorte inicial deste estudo, tem-se o ano de 1977, por ser este o ano de contratação da primeira enfermeira não religiosa para Casa de Caridade. No que diz respeito a uma delimitação temporal final, é consideravelmente importante o ano de 1988, visto que em

¹ Doutorando em Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – RJ, ernani.coimbra@ifsudestemg.edu.br;

² Doutora em Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – RJ, stelacabral@gmail.com;

³ Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, liliane.resende@ifsudestemg.edu.br;

⁴ Doutorando em Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – RJ, isabel.schiavon@ifsudestemg.edu.br;

⁵ Professor orientador Doutor em Linguagem pela Universidade Federal Fluminense – RJ, jgoncalves.zeca@gmail.com.

dez de outubro, ocorre definitivamente à saída das Irmãs da Congregação Santa Marcelina da instituição.

O interesse para desenvolver esta pesquisa foi sendo construído durante meu curso de Graduação em Enfermagem, entre os anos de 2002 e 2006, pois, nesse período, parte dos estágios curriculares eram desenvolvidos nesta instituição quando, por diversas vezes, a curiosidade levou-me a indagações acerca das origens da mesma e da enfermagem ali desenvolvida, uma vez que é sabido que naquele espaço social atuaram, num determinado período, enfermeiras religiosas e laica.

O acesso às literaturas da área de História da Enfermagem, cujo objeto de estudo abordava a relação entre esses dois grupos de enfermeiras, evidenciava uma disputa pelo poder de enunciar o discurso autorizado em determinado espaço social. Daí o meu interesse pelo objeto apresentado.

Após concluir o Curso de Graduação em Enfermagem, ingressei no Curso de Licenciatura Plena na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e, nessa mesma época, assumi algumas disciplinas e os estágios curriculares de um curso técnico vinculado a instituição cenário deste estudo, onde permaneci até o final de 2008 no exercício de tais funções, intensificando, portanto, a minha relação com a instituição.

O HSP está localizado em um município do interior de Minas Gerais, uma cidade situada na região da Zona da Mata no estado, conhecida por ter sido o berço de grandes políticos como nosso atual vice presidente da república José Alencar Gomes da Silva, e palco de importantes lutas simbólicas que de forma direta e indiretamente contribuíram para a criação da HSP.

Conforme aponta o texto comemorativo dos setenta e oito anos de existência da casa de caridade publicado pelo Jornal Gazeta Local (2005), desde sua fundação em 1927, a Casa de Caridade ficou sob a administração das religiosas da Congregação das Marcelinas.

Os primeiros anos da década de 1970 tornaram-se emblemáticos para a casa de caridade. Com a chegada de outras áreas de conhecimento, novos espaços foram desenvolvidos na instituição. Criou-se anexos para ampliação dos atendimentos e realização dos serviços, principalmente para a adaptação e utilização das tecnologias que aos poucos foram sendo incorporadas, porém, isso ocorreu desordenadamente, sem infraestrutura, tampouco, seguiu-se normas para essas construções, e o ambiente hospitalar foi se transformando em um cenário permeado de riscos que comprometiam a saúde do paciente e do próprio trabalhador (Jornal Gazeta Local, 1986).

Em consulta ao Departamento de Recursos Humanos da casa de caridade, no que se refere ao quantitativo de funcionários no período entre 1977 à 1988, fui informado que a

instituição possuía, aproximadamente, 80 funcionários, sendo que grande parte era composta de auxiliares de serviços gerais que trabalhavam sem vínculo formal.

Sobre estes, também é relevante saber que à medida que se desempenhavam melhor em suas tarefas, eram promovidos pelas irmãs Marcelinas para a realização das atividades relacionadas ao cuidado de enfermagem junto ao doente, portanto, atuando como atendentes de enfermagem (Livro ata nº7 p. 40 -41).

A pedido do provedor à época e de seu filho diretor clínico da casa de caridade, fora contratado para essa instituição um administrador hospitalar formado em administração Hospitalar em 1974, pela escola de administração Médica no Rio de Janeiro, onde permaneceu com tal função até 1987, afastando-se por motivos de saúde (Livro ata nº8 p. 36).

Diante da inadequabilidade e obsolescência do hospital, o administrador em questão juntamente com o novo provedor, iniciaram importantes mudanças, como à aquisição de equipamentos mais sofisticados tecnologicamente, e contratações de profissionais necessários para o atendimento das novas demandas em saúde. Também criaram um projeto de solicitação de financiamento à Caixa Econômica Federal em 1978, para ampliação da instituição, que teria sido aprovado no ano seguinte, em 1979, porém, as obras só iniciaram dois anos depois, sendo concluída somente em 1986. (Livro ata nº8 1979).

Esse administrador teria ainda em 1978, solicitado a contratação de uma enfermeira. Cabe registrar que até aquela data as diversas naturezas de trabalho realizadas no espaço hospitalar eram desenvolvidos pelas irmãs Marcelinas e seus atendentes de enfermagem, além de profissionais médicos já atuantes na instituição (Livro ata nº8 p. 26, 1979).

A primeira enfermeira não religiosa contratada para trabalhar na casa de caridade em 1978, formou-se em 1976 pela Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo, cujo corpo social foi sendo incorporado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) a partir de 1977, conforme descreveu Figueiredo (2008) em sua tese de Doutorado intitulada “lutas simbólicas no processo de incorporação do quadro social da Faculdade de Enfermagem Hermantina Beraldo à Universidade Federal de Juiz de Fora: 1977 - 1983”. Ainda não são claros os motivos pelo qual o provedor e o administrador da casa de caridade decidiram pela contratação desse profissional.

Em uma entrevista preliminar, com a intenção de obter alguns esclarecimentos para melhor contextualização do objeto de estudo, fui informado pela enfermeira mencionada de que existiam resistências por parte de algumas religiosas, no que se refere ao seu acesso a alguns setores por elas administrados, o que dificultava a implantação de uma nova proposta que se fazia necessário para o desenvolvimento do serviço de enfermagem, contudo, a enfermeira

buscou desenvolver suas habilidades administrativas na tentativa de assumir a liderança do cuidado de enfermagem.

Percebi que tal fenômeno histórico poderia ser explorado sob a forma de uma pesquisa de campo, pois, frequentemente, o desconhecimento acerca dos aspectos históricos que envolveram tais questões, reacendia discussões e polêmicas sobre o tema no âmbito da própria Casa de Caridade.

Para melhor elucidar o objeto de estudo, formulei os seguintes objetivos:

- 1) Descrever o contexto em que se deu a contratação da primeira enfermeira não religiosa da Casa de Caridade;
- 2) Analisar as estratégias das lideranças de enfermagem na disputa pelo poder de enunciar o discurso autorizado na Casa de Caridade;
- 3) Discutir os efeitos simbólicos das lutas concorrenciais entre os agentes de enfermagem envolvidos, por uma melhor posição naquele espaço social.

Essa pesquisa se justifica, pois, a História da Enfermagem vem construindo seu conhecimento como um processo dinâmico, geralmente advindo de constantes lutas e partindo de um movimento de busca de níveis crescentes de qualidade e complexidade. Esse movimento, de acordo com Padilha e Borenstein (2005) é pontuado por contradições, convergências e decadências, representando assim, a história dos profissionais, dos pensadores da enfermagem e da prática assistencial de enfermagem, desta forma, pode-se entender que a História tem sido feita de paixões, de limites e determinações, de interesses e experiências do seu próprio tempo.

Sendo assim, a análise sócio histórica do período que se retratará aqui é necessária para elucidar fatos dos processos históricos e sociais ainda esparsos e fragmentados pouco esclarecidos, relacionados à contratação da primeira enfermeira na CCHS e, ao mesmo tempo, a saída das irmãs de caridade da Congregação Marcelina. Para tanto, será necessário utilizar-se da abordagem histórica.

Também é evidente que a escassez de estudos que façam menção a atuação das Irmãs da Congregação das Marcelinas no campo da saúde brasileira não se restringe ao nosso período estudado, nem tampouco a sua origem na Itália. Da mesma maneira, ainda há a atuação de Congregações femininas no país, que igualmente são pouco estudadas. Assim, este estudo possibilitará a ampliação dos campos de pesquisa sobre tal tema, praticamente intocado, o que reforça seu caráter original e relevância.

O interesse em conhecer mais sobre as circunstâncias relacionadas com vários aspectos do campo da enfermagem e em diferentes momentos, me permitiu perceber que, nos últimos anos, ocorreu um aumento quantitativo de grupos de pesquisa em História da Enfermagem,

como pode ser constatado em visita ao site do CNPq. Consequentemente, também houve um incremento de publicações de trabalhos nessa área abarcando um vasto legado cultural da profissão. Entretanto, apesar do reconhecido esforço por parte de enfermeiros ligados à pesquisa em História da Enfermagem, ainda existem importantes lacunas na produção de conhecimento nessa área e, desse modo, nos impulsionando a investigar objetos de pesquisas amparada no conceito de microhistória, como é o caso deste estudo, reafirmando assim, a necessidade de desenvolver essa pesquisa.

A esse respeito, Silva (1998) reforça que é nítida a necessidade de se realizar uma pesquisa histórica, tendo em vista as possibilidades de elucidação e valorização da origem da profissão, construindo assim, uma memória profissional que poderá ser analisada criticamente e, sempre que se fizer necessário, retornar as bases da profissão para uma melhor compreensão de seus fenômenos atuais.

METODOLOGIA

Ao se propor uma pesquisa dessa abrangência, certamente o primeiro passo é buscar pontos de apoio que indiquem com certa margem de segurança, os caminhos a seguir, compreende-se desta forma, que essa segurança é dada pelo método que se constituiu no elemento fundamental para garantir a objetividade do trabalho científico proposto, através da demarcação das fases e etapas pelas quais caminhou-se para a compreensão do problema apresentado.

Neste sentido, priorizou-se, a realização e execução de um estudo qualitativo de cunho histórico-social. A pesquisa qualitativa concentra-se no todo da experiência humana no sentido atribuído pelos indivíduos que vivem a experiência, por isso, permite compreensão mais ampla e um “insight” mais profundo a respeito dos comportamentos humanos mais complexos (MARCUS e LIEHR, 2001, p.125).

Minayo (1998) acrescenta que a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

Embora a metodologia histórica possa associar-se tanto na abordagem quantitativa como na qualitativa, é, por natureza, fundamentalmente um estudo narrativo; como se propõe o estudo em tela. Não obstante, a pesquisa do tipo qualitativa foi a mais adequada para este

estudo, pois, permitiu a valorização do contato com a situação estudada, e o significado que os agentes atribuem às experiências, a sua atuação e à perspectiva dos participantes.

Marcus e Liehr (2001) fazem referência ao método de pesquisa histórica como sendo uma “abordagem sistemática para compreender o passado por meio de coleta, organização e avaliação crítica de fatos”, permite ao pesquisador iluminar o passado para que este possa servir de norteador para o presente e o futuro.

Este é um estudo de cunho histórico-social, pois reflete posições frente à realidade, momentos do desenvolvimento e da dinâmica social, preocupações e interesses de classes e de grupos determinados (MINAYO, 1996, p.23).

Tendo em vista que o movimento de voltar-se a um passado para garimpar acontecimentos históricos, permite que em alguns instantes da pesquisa existam momentos complexos e de risco, devida a distância que nos separam desse passado, foi estabelecido como marco de referência para balizar com precisão cronológica a pesquisa o período entre 1977 e 1988.

O período de demarcação inicial (1977) se justifica por ser este o ano de chegada da primeira enfermeira laica na csa de caridade, e o final (1988) por demarcar a saída das Irmãs Marcelinas.

A pesquisa histórico-social é, portanto, entendida como síntese e permite a reafirmação do princípio de que, em história, todas as abordagens estão descritas no social e se interligam, e ainda, possibilitam delimitar um campo específico de problemas a serem formulados à disciplina histórica. Estão diretamente ligados a esses problemas os grupos sociais e os processos determinantes e resultados de suas relações, atribuindo ênfase maior no estudo do comportamento e de dinâmica social (CASTRO 1997, p.46-47).

Castro (1997, p.48-52) apresenta a história social como à especialidade com mais de meio século, comportando problemáticas e metodologias próprias. Desde então, pôde-se formular como problema central, os modos de constituição dos atores históricos coletivos, “as classes, os grupos sociais, as categorias socioprofissionais”, além de suas relações que consideram historicamente as estruturas sociais. A autora acrescenta ainda que as relações entre estrutura (com ênfase na análise das posições e hierarquias sociais), conjuntura e comportamento social definiriam, por assim dizer, o campo específico a ser delimitado.

Esta pesquisa insere-se na história social como estudo de micro-história, por tratar-se da redução da escala de abordagem, comum à maioria das pesquisas recentes em história social. O que se observa-se nesta escala é fundamentalmente diferente do que se percebe em na investigação de grandes conjuntos. Cada escala, seja ela micro ou macro, fará aparecer uma

organização particular do social, enriquecendo o trabalho do historiador e proporcionando uma melhor compreensão da complexidade dos fenômenos humanos (REVEL,1997).

Para Castro (1997, p.53) escala de análise na perspectiva da micro-história representa “ponto de partida para um movimento em direção à generalização”. A autora entende também que a micro-história propõem-se as vivências históricas individuais, que podem ser parcialmente reconstituídas, “como um privilegiado de observação para rever e formular novos problemas à explicação histórica”. Para tanto, considera as condicionantes estruturais do comportamento humano na história e também a liberdade e a criatividade contida no problema.

Justifica-se, ainda, a escolha e importância da microhistoria como fundamento teórico e metodológico desse anteprojeto de dissertação, por se tratar de uma pesquisa que intenciona investigar além do objeto de estudo, indo de encontro com o que está por de trás do mesmo, pois, a microhistoria além de possibilitar reconstruir o vivido, até então inacessível, identifica também as estruturas invisíveis articuladoras da sociedade, permitindo analisar os fenômenos sociais a partir de indicadores simples ou simplificados.

Ainda sobre a microhistória Revel (1989, p.52) acrescenta que a intenção desta é:

Permitir o enriquecimento da análise social, tornando-a mais complexa ao considerar múltiplos aspectos da consciência coletiva, por intermédio da análise das condutas individuais e coletivas; o que possibilita a observação dos recortes reveladores. Esta abordagem entende que os acontecimentos são únicos, mas só podem ser compreendidos, até mesmo na sua particularidade, se forem restituídos aos diferentes níveis de dinâmica histórica, reiterando que a micro-análise não significa fragmentar a história.

Como nenhum material colhido de uma só maneira pode ser suficiente para espelhar certa realidade abordada (QUEIROZ, 1994), esta pesquisa teve como fontes primárias documentos escritos, iconográficos, e depoimentos orais.

Os documentos escritos foram: ofícios, decretos e leis, nomeações, atas, publicações de periódicos e jornais do município do município, resoluções, relatórios relacionados ao objeto de estudo, localizados na Biblioteca Municipal e no Arquivo Histórico da Prefeitura Municipal da cidade cenário do estudo.

Também foram considerados os documentos existentes no pequeno acervo do centro de memória da casa de caridade e no acervo pessoal da primeira enfermeira que foi contratada pela instituição em 1977, ocasião em que iniciou a construção de um diário pessoal com registros, formas de registros, tais como: fotos, cartas e outros documentos elaborados pela mesma com a finalidade de organizar o processo de trabalho e o cuidado de enfermagem.

Os documentos iconográficos que, a saber, já totalizam 128 arquivos digitalizados com originais devolvidos aos seus cedentes, foram doados por uma família tradicional da cidade, também do acervo pessoal da enfermeira, do Espaço memorial da Prefeitura Municipal da cidade e do centro de memória da casa de caridade.

Contudo, lançamos mão de depoimentos orais de agentes envolvidos, dentre os quais: o diretor clínico, à época da contratação da primeira enfermeira da casa de caridade; da primeira enfermeira contratada na ocasião, dos atendentes de enfermagem, do chefe do departamento pessoal; do médico pediatra da instituição; professora da escola de auxiliares de enfermagem da prefeitura municipal na ocasião e das Irmãs de caridade que atuaram na instituição dentro do recorte temporal a ser considerado por este estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora sem preparo adequado, caberia a primeira enfermeira da casa de caridade a função de realizar diversas atividades que iam desde a assistência direta ao doente nas várias clínicas, até o treinamento de recursos humanos de enfermagem da própria instituição, entretanto, foi subordinada as atividades administrativas delegadas pelas Irmãs Marcelinas, o que impossibilitou por muito tempo o desenvolvimento do seu papel de liderança na equipe de enfermagem, tendo pouca visibilidade como membro efetivo da equipe de saúde.

Desse modo, no esforço em conciliar sozinha por dez anos suas várias atribuições, a enfermeira laica, na tentativa de não afastar totalmente do cuidado direto ao paciente, delegou algumas de suas atividades a seus subordinados, e embora sem nenhuma autonomia lutou para manter seu espaço, conquistando o respeito e o reconhecimento por sua competência e facilidade de adaptação às transformações tecnológicas, o que contribuiu para aumentar seu prestígio em relação as irmãs Marcelinas que foram se tornando obsoletas nesse espaço.

A presença do profissional médico nesses espaços de cuidados também intensificaram as disputas pela direção destas instituições, modificando gradativamente essa realidade. A esse respeito somos corroborados por Peres (2008) que ao estudar a prática das Irmãs de Caridade da Congregação de São Vicente de Paulo no espaço do Hospício de Pedro II na segunda metade do século XIX evidencia a disputa entre médicos e irmãs de caridade pelo poder disciplinar, bem como a crescente força do grupo médico que levou as irmãs a perderem progressivamente seu poder disciplinar que, por conseguinte, resultou na definitiva saída destas do espaço asilar.

Ainda sobre os desfechos que levaram as irmãs de caridade a ficarem em desvantagem em relação aos outros agentes nos espaços de cuidado pela disputa do poder, destaca-se a

presença crescente de enfermeiras diplomadas, cujo processo de formação permitia-lhes contato com o que se dispunha de mais atualizado em termos de avanço tecnológico e científico, além de detentora de um capital institucionalizado, sob a forma de diploma e tudo o que a ostentação do mesmo lhe podia conferir, o que contribuiu para a redução da participação das religiosas nos diferentes espaços no campo da saúde (BAPTISTA e BARREIRA, 1997).

A esse respeito Pontes (1970) reforça que os contínuos e complexos progressos da ciência e da tecnologia refletem na prática de enfermagem produzindo alterações relevantes na organização e operacionalização dos serviços.

Mesmo diante da significativa expansão da técnica médica individual através dos serviços da área hospitalar, havia uma notável falta de pessoal qualificado nos hospitais, cabendo aos atendentes a maior parte das tarefas relacionadas aos cuidados diretos ao paciente, mesmo não estando adequadamente preparados para isso (BAGNATO, 1994).

Apesar do amparo legal da Lei 775/49 e do decreto 27.426/49 determinando os requisitos mínimos para a organização e o funcionamento dos cursos de auxiliares de enfermagem já existente desde 1941, a instituição só abriu suas portas para essa categoria profissional no final da década de 70, portanto, durante esse intervalo de tempo algumas de suas atribuições foram delegadas aos atendentes de enfermagem, que tiveram sua formação, por muito tempo, excluída de uma política de qualificação de recursos humanos para os serviços de saúde, além de terem sido inseridos na prática assistencial sem nenhuma ou com pouca qualificação específica (BAGNATO, 1994).

Aguiar Neto e Soares (2004) descrevem o atendente de enfermagem como sendo:

...um trabalhador de saúde sem qualificação profissional formal que, ao longo da história, compôs majoritariamente a força de trabalho em enfermagem no Brasil, assumindo parcela considerável do trabalho manual. Nos últimos anos observa-se redução numérica atribuída principalmente à proibição legal do exercício profissional (2004, p.1).

Ainda ao que se refere aos recursos humanos existentes na casa de caridade cenário do estudo, vale destacar que durante o período de dez anos a instituição contou apenas com uma única enfermeira sendo contratadas outras profissionais enfermeiras somente em 1988.

Assim, os dados obtidos até o presente momento, através de entrevista realizada com uma enfermeira depoente deste estudo, revelam que as contratações das demais enfermeiras se deram da seguinte forma: em 1988, uma enfermeira, em 1989 outras duas enfermeiras, em 1990

mais três enfermeiras e, assim sucessivamente, até chegar ao quantitativo de trinta e três enfermeiras que compõem o quadro funcional no momento.

A partir do entendimento de que o passado nos ensina a compreender a situação presente, em linhas gerais, entendendo que o sentido que damos aos acontecimentos hoje está de certa forma ligados intrinsecamente à compreensão que temos do passado é que nos propomos a resgatar a história da profissionalização da enfermagem e, dessa forma, colaborando com a identidade profissional do enfermeiro, permitindo também o resgate, sob a perspectiva da microhistória, envolvendo a enfermagem e a sociedade da Zona da Mata Mineira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que, com a realização da pesquisa acerca das lutas simbólicas entre as lideranças de enfermagem religiosas e não religiosa no interior da Casa de Caridade que foi cenário do estudo em tela, através de uma abordagem Histórico Social, tenhamos contribuído para identificação e compreensão de aspectos constitutivos da profissão no município em questão, situado na Zona da Mata no estado de Minas Gerais, assim como se evidenciou importantes instrumentos para reflexão teórico científica.

Desta forma, ao investigar fenômenos históricos acerca da contratação da primeira enfermeira da casa de caridade em 1977, bem como a saída das irmãs da Congregação Marcelina da referida instituição, em 1988, também contribuimos com a reconstrução da história da profissionalização da enfermagem e, dessa forma, colaborando com a identidade profissional do enfermeiro, permitindo também o resgate, sob a perspectiva da microhistória, envolvendo a enfermagem e a sociedade da Zona da Mata Mineira.

Além disso, o estudo serviu como um estímulo à preservação da memória dos agentes e instituições e ao estudo Histórico de outras lutas simbólicas que poderão, significativamente, oferecer subsídios para comparações, a fim de se traçar um perfil de desenvolvimento da enfermagem no estado de Minas Gerais.

Por fim, também se reconhece como outra importante conclusão do estudo que, o fato de se abordar uma temática que compreende fatos ainda esparsos e fragmentários pertencentes a uma fase de inserção da enfermagem que, baseando-se nos relatos dos próprios atores sociais, os quais, possivelmente, farão parte deste estudo, infere-se que as lutas simbólicas existiram no movimento de organização dessa classe profissional que, no entanto, se mantém pouco clara até o momento atual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR NETO, Z.; SOARES, C. B. A qualificação dos atendentes de enfermagem: **transformações no trabalho e na vida**. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 12, n. 4, Aug. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411692004000400006&lng=en&nrm=iso>. access on 09 Sept. 2018. doi: 10.1590/S0104-11692004000400006.

ALMEIDA FILHO, A. J. **A Escola Anna Nery (EAN) no "front" do campo da educação em enfermagem e o (re) alinhamento de posições de poder (1931-1949)** [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2004.

ALBERT, V. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BAPTISTA, S. S.; BARREIRA, I. A. **Condições de surgimento das escolas de enfermagem brasileiras (1890-1960)**. *Rev. Altern. de Enferm.* 1997.

BAGNATO, M. H. S. **Licenciatura em enfermagem: para quê?** [tese] Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 1994.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução: Fernando Thomaz. Rio de Janeiro; 8ª ed. Bertrand Brasil, 2005.

CARDOSO, N. M. **A história das Irmãs Marcelinas: fundação do Colégio dos Anjos em Botucatu (1912)** / Neise Marino Cardoso. [dissertação de mestrado] – Americana: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2007. 113 f.

HOBSBAWM, E. **A era das revoluções: 1789-1848**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KIRSCHBAUM, D. I. R. **Análise histórica das práticas de enfermagem no campo da assistência psiquiátrica no Brasil, no período compreendido entre as décadas de 20 e 50**. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Médicas – UNICAMP – Campinas – São Paulo. 1994 p.369.

LEVI, G. Sobre a micro-história. A escrita da história: Novas perspectivas. Editora da Universidade Estadual Paulista. São Paulo. 1992.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: **Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHAES, Sônia Maria de. Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara: **assistência e saúde em Goiás ao longo do século XIX. Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, Dec. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010459702004000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Sept. 2018. doi: 10.1590/S0104-59702004000300007.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: **teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998. 80p.

MORAES, A. E. C. Casa de Saúde Volta Redonda como locus de implantação da reforma psiquiátrica no município de Volta Redonda: **a participação da enfermagem (1993-1995)**./ Ana Emilia Moraes: UFRJ/EEAN, 2008.

OGUISSO, T. **Trajetória ético e legal da enfermagem**. Barueri: Manole; 2005.

PADILHA, M. I. C. S.; BORENSTEIN, M. S. **O método de pesquisa histórica na enfermagem**. Texto & Contexto Enferm. 2005.

PENSO, Ir. M. S. **O passado refulge na conquista do futuro**. Rio de Janeiro: s.ed., 1988.

QUEIROZ, M. I. P. História oral e arquivos na visão de uma socióloga. Em: M. Moraes (Org.) **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro. 1994.

REVEL, J. Prefácio a edição francesa com o título “L ‘histoire au ras de sol”. Paris, Éditions Gallimard, 1989. In: Levi. G. **A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira; 2000.